ARTIGO



Luis Lemos*

Vidas à margem

Em Manaus, na Fundação Centro de Controle de Oncologia do Estado do Amazonas (CECON), o tempo não anda: ele respira com dificuldade. Respira junto com as pessoas sentadas nas cadeiras de plástico azul, algumas segurando exames amassados, outras carregando apenas a própria dor e a angústia de quem espera por uma consulta, teme um diagnóstico ou enfrenta mais uma sessão de quimioterapia. Ali, cada espera tem um peso, cada notícia pode mudar o rumo de uma vida e cada minuto parece lembrar que a existência é muito mais frágil do que costumamos imaginar.

Todos os dias, há três meses, Dona Elza chega cedo. Diz que, se chegar tarde, a doença se aproveita. O joelho dói, a pressão oscila, mas o que mais pesa é a incerteza de quando será chamada. Ao lado dela, um rapaz magro demais para seus vinte e poucos anos, ele aperta o celular como quem segura uma âncora. Ele não olha para ninguém. Talvez tenha medo de se reconhecer nos outros.

Há tosses contidas, suspiros longos e passos apressados de profissionais que sabem o nome das doenças, mas nem sempre o nome das pessoas. Ainda assim, alguns gestos conseguem humanizar aquele lugar. "Um bom dia dito com verdade vale mais que muito remédio", comenta dona Elza, enquanto observa uma enfermeira loira atravessar a sala sem cumprimentar ninguém.

Na parede, um cartaz desbotado fala de prevenção. Ali, todos falam de sobrevivência, mesmo em silêncio. Cada olhar carrega uma preocupação, cada gesto revela uma esperança discreta, e cada minuto parece trazer consigo uma pergunta sem resposta. Entre a espera e o medo, homens e mulheres tentam preservar aquilo que ainda lhes resta: a coragem de continuar vivendo.

Quando chamam um nome, não é só um corpo que se levanta. Levanta-se uma esperança cansada, uma fé miúda, mas teimosa. Quem fica torce em segredo, como se a melhora do outro abrisse caminho para a sua. Afinal, naquele lugar, cada notícia boa devolve um pouco de ânimo a quem ainda espera. E esperar, ali, também é uma forma de resistir.

Dona Elza finalmente é chamada. Antes de entrar, ajeita o vestido simples, beija uma medalhinha de Nossa Senhora do Carmo que carrega no peito e esboça um sorriso, talvez para disfarçar o medo, talvez para lembrar a si mesma que ainda é dona de alguma coisa. Aprendeu, ao longo da vida, que a dignidade também é uma forma de resistência e que, mesmo diante da fragilidade do corpo, é possível preservar a grandeza de quem se é, e a fé ajuda nesse processo.

No CECON, ninguém está ali por vontade própria. Eu estava ali para visitar um amigo que, ao descobrir um tumor maligno no estômago, viu, em pouco tempo, o próprio corpo desaparecer sob o avanço da doença. A carne foi cedendo, os ossos tornaram-se visíveis, e a vida, antes tão familiar, passou a ser uma realidade frágil, ameaçada a cada dia. Mas todos permanecem porque, de alguma maneira, ainda acreditam.

Em silêncio, segurando a sua mão, eu disse ao meu amigo: "Você vai sair dessa, em Nome de Jesus!" Talvez seja isso que nos mantenha de pé: a fé, mesmo quando já não encontra razões suficientes para existir. Ali, entre senhas, consultas e longas esperas, a doença não ameaça apenas o corpo. Ela também coloca à prova a vontade de viver, o medo de partir e a difícil coragem de continuar.

Três meses depois, voltei ao CECON. Dessa vez, não para visitar meu amigo, que, depois de uma bateria de exames, sessões de quimioterapia, medicamentos e, sobretudo, muita fé, já estava em casa, recuperando-se. Agora, eu estava ali para visitar dona Elza. "Estou aqui há seis meses, mas parece que foi ontem. O tempo que temos com Deus não se mede pelo relógio, mas pela fé que carregamos", disse-me ela, com uma serenidade que eu não esperava encontrar.

Para ser sincero, fui até lá pensando que poderia lhe oferecer algumas palavras de conforto, mas aconteceu o contrário. Foi dona Elza quem me acolheu e me ensinou que a vida não perde o sentido diante do sofrimento e que a verdadeira coragem talvez esteja em continuar acreditando, mesmo quando não sabemos o que nos reserva o amanhã.

"Essa mulher é verdadeiramente uma santa", pensei comigo mesmo. Naquele instante, compreendi que há pessoas que, mesmo atravessando a própria dor, conseguem iluminar a existência dos outros. Meus olhos se encheram de lágrimas. Não eram de tristeza, mas de esperança. Afinal, talvez a grandeza da vida não esteja em escapar do sofrimento, mas em não permitir que ele nos roube a capacidade de amar, acreditar e continuar lutando.

Dona Elza não me ensinou como vencer a morte. Ensinou-me algo ainda mais profundo: como continuar vivendo diante dela.

**é filósofo, professor universitário e escritor, autor, entre outras obras, de Filhos da Quarentena: A esperança de viver novamente, Editora Viseu, 2021.*

ARTIGO



Flávio Guimarães*

A consciência que falta na era da pressa: por que ética virou detalhe técnico

Há uma pergunta que o Direito aprende a responder com precisão e a vida insiste em complicar: o que é legal é necessariamente justo? A resposta, quando honesta, incomoda. Vivemos um tempo em que a norma vigora, o contrato é assinado, o parecer é tecnicamente impecável —e ainda assim algo não fecha. Ética se confunde com legalidade, valores são negociados como cláusulas acessórias, e a consciência humana vai sendo empurrada para a margem do processo.

Como advogado, aprendi que a lei é o piso, não o teto. Como administrador, aprendi que nenhuma estrutura sustenta resultado sem valores. Como mestre em engenharia de processos, aprendi que todo sistema entrega exatamente o que foi projetado para entregar —inclusive a indiferença. As três formações me levaram à mesma conclusão: o gargalo do nosso tempo não é técnico, é humano.

A pressa virou método. O estresse, credencial. E nesse ritmo, exigimos de pessoas normais um desempenho sobre-humano dentro de um mundo que perdeu o prumo. Não se constrói consciência sem educação como base e sem prática como rotina. Sem isso, sobra a justificativa frágil, a transferência de culpa, o culpado de plantão —sempre fora de nós. O primeiro ato real de conscientização é assumir a própria parcela nos erros corriqueiros. Sem esse reconhecimento, o discurso é retórico; com ele, vira processo.

E processo, aqui, é literal. Planejar sem executar transforma o pensamento em pesadelo. É o risco de quem enxerga apenas um palmo à frente do próprio nariz e depois cobra do mundo uma coerência que não construiu. Na advocacia, vejo isso diariamente: litígios que nascem de decisões tomadas no impulso e de contratos redigidos sem leitura de contexto. Na gestão, vejo equipes exaustas seguindo processos que ninguém revisou. A conscientização não é abstração filosófica —é ferramenta de gestão de risco, de reputação e de legado.

Viver em coletividade exige empatia. Podemos pensar individualmente, mas não podemos agir com egoísmo, sob pena de trabalharmos contra a comunidade que nos sustenta. O equilíbrio entre o interesse individual e o bem coletivo não é concessão —é estratégia. E o medo, o sucesso e o fracasso, esses três, ensinam juntos. Quem só conheceu um deles tem uma consciência incompleta. A maturidade nasce de quem atravessou dificuldades com planejamento, técnica e as pessoas certas no lugar certo.

O homem que julga a própria realidade antes de julgar a dos outros evita a injustiça. Dar bom exemplo é o estágio mais avançado da consciência —e o mais exigente. Participar do progresso e das dificuldades, sem adiar, porque o "depois" pode não chegar. Tudo é escolha: permanecer na superficialidade ou assumir a responsabilidade de pensar e agir com consciência. Enquanto essa consciência não vier, seguimos andando —sem saber bem para onde.

E você, leitor: qual decisão você tem adiado por conforto, e não por convicção?

**é mestre pela UFPA, diretor de Educação da ABRH e coordenador dos cursos tecnológicos e da pós-graduação da Faculdade Estácio do Amazonas.*

ARTIGO



Thomaz Meirelles*

Não consigo aceitar tantas coincidências sem questionar. Quero respostas!

A eleição presidencial de 2026 terminou, mas deixou perguntas que, na minha opinião, precisam de respostas muito mais convincentes. Não escrevo estas linhas para atacar eleitores de Lula, muito menos para desrespeitar os brasileiros que votaram de forma diferente de mim. Escrevo porque considero que a confiança no processo eleitoral é tão importante quanto o próprio resultado. Não estou dizendo que tenho provas de fraude. Estou dizendo que existem circunstâncias que me causam profunda desconfiança e que precisam ser esclarecidas com transparência, jamais com silêncio. Começo pelas pesquisas eleitorais. Na véspera do segundo turno, Datafolha e Quaest apontavam Flávio Bolsonaro com 51% dos votos válidos e Lula com 49%. Outros levantamentos importantes também colocavam Flávio numericamente à frente. Outro episódio que considero particularmente grave foi a prorrogação do horário de votação, determinada pelo ministro Cristiano Zanin, do Supremo Tribunal Federal, justamente no dia do segundo turno. Nem foi o TSE, foi o STF. Estamos falando de um magistrado que foi advogado de Lula e chegou ao STF por indicação do próprio presidente. Isso, por si só, não significa que sua decisão tenha sido ilegal ou parcial. Contudo, entendo que uma decisão dessa dimensão, tomada quando o horário normal de votação estava terminando, exigia fundamentação jurídica incontestável e explicações públicas muito mais detalhadas. Também me chama atenção o resultado em determinados Estados, especialmente quando comparado com pesquisas, tendências políticas regionais e desempenho dos candidatos em outras disputas. Há ainda o comportamento político de Lula durante a reta final da campanha. Minha percepção, acompanhando suas manifestações, era de um candidato abatido, inclusive no dia da votação. Evidentemente, expressão facial não é pesquisa eleitoral nem prova de derrota. Mas essa impressão se somou às demais dúvidas que venho acumulando. O próprio governo federal adotou, nos últimos meses, medidas de forte apelo popular. Interpreto essa movimentação como possível sinal de preocupação eleitoral. Afinal, quem acompanha política sabe que campanhas e governos também trabalham com pesquisas internas e informações que nem sempre chegam ao conhecimento público. Seria interessante saber o que esses levantamentos mostravam e até que ponto influenciaram decisões administrativas, anúncios e benefícios próximos da eleição. Outro dado que merece atenção é a participação do eleitorado. A abstenção caiu de 21,08% no primeiro turno para 19,22% no segundo. Isso significa quase três milhões de eleitores adicionais comparecendo às urnas. Também houve redução expressiva dos votos brancos e nulos. Não afirmo que esses números sejam impossíveis ou irregulares. Mas considero necessário compreender em quais regiões ocorreu o maior crescimento do comparecimento e como esse movimento se relaciona com os resultados presidenciais. Também não podemos ignorar a expressiva eleição de representantes da direita para cargos legislativos e executivos. Sei que o eleitor pode escolher um governador, senador ou deputado de uma corrente política e votar em um presidente de outra. Isso acontece. Entretanto, gostaria de conhecer estudos mais aprofundados sobre a dimensão desse voto dividido em 2026. Chego, então, ao ponto central da minha desconfiança: o funcionamento do sistema eletrônico de votação e, especialmente, a consolidação nacional dos resultados. Muitos países tecnologicamente avançados adotam modelos eleitorais diferentes do brasileiro, inclusive com cédulas de papel ou sistemas mistos. Isso não demonstra que a urna brasileira seja fraudulenta, mas reforça meu entendimento de que nenhum modelo tecnológico deve ser tratado como imune a questionamentos. Minha preocupação particular está na possibilidade teórica de interferência em sistemas informatizados. Gostaria de saber, com explicações acessíveis ao cidadão comum, quais barreiras técnicas impedem qualquer modificação indevida dos resultados, quem fiscaliza essas barreiras e como auditores independentes conseguem verificar seu funcionamento. Eleição de 2026: não consigo aceitar tantas coincidências sem questionar. Quero respostas! Confesso que já considerei até uma hipótese muito mais grave: a possibilidade de uma manipulação restrita a pouquíssimas pessoas, eventualmente sem o conhecimento do próprio candidato beneficiado. Cheguei a imaginar um grupo de apenas três envolvidos, sendo um técnico e duas pessoas com poder de decisão. Mas reconheço que essa é uma conjectura pessoal, sem evidência identificada que permita afirmar que tal grupo existiu ou que houve manipulação. Também me preocupa o histórico de conflitos políticos e jurídicos envolvendo o STF. Sou crítico de determinadas decisões da Corte e entendo que seus integrantes precisam prestar contas à sociedade. Contudo, não tenho elementos para afirmar que eventual irregularidade eleitoral teria sido concebida para encobrir atos do Supremo. Não quero uma investigação que parta da conclusão de que houve fraude. Quero verificações capazes de demonstrar, com evidências reproduzíveis, o que efetivamente aconteceu. Não estou pedindo que a vontade popular seja desconsiderada. Estou defendendo que ela seja protegida por mecanismos de fiscalização compreensíveis, transparentes e confiáveis. Hoje é a esquerda que está no poder, amanhã poderá ser a direita ou centrão. A democracia não deve temer perguntas. E quem questiona, de boa-fé, também tem a obrigação de respeitar as respostas demonstradas pelos fatos. Essa é minha tribuna. Não sou deputado, não ocupo mandato e não preciso concordar com tudo o que dizem as autoridades. Continuarei cobrando explicações, sem confundir minhas convicções com provas. Afinal, uma eleição termina quando os votos são totalizados. Mas a confiança nas instituições precisa ser conquistada todos os dias.

**é servidor público federal, administrador, especialização na gestão da informação ao agronegócio – thomaz.meirelles@hotmail.com*

ARTIGO



Mamud Said*

Gratidão – um princípio fundamental da existência

Estamos em uma sociedade cada vez mais acelerada, na qual muitas pessoas vivem preocupadas com aquilo que ainda não conquistaram. A gratidão surge como uma virtude indispensável para uma vida mais equilibrada, feliz e cheia de sentido. Ser grato é muito mais do que agradecer por uma conquista ou por um momento de alegria: é desenvolver a capacidade de reconhecer o valor da vida, das pessoas, das oportunidades e até das pequenas coisas que, muitas vezes, passam despercebidas em nosso cotidiano.

A gratidão transforma a maneira como enxergamos tudo ao nosso redor. Ela nos ensina a valorizar o que temos, sem deixar de lutar pelo que desejamos alcançar. Afinal, nem todos os dias serão fáceis, nem todos os planos acontecerão conforme esperamos e nem todas as respostas chegarão no tempo que imaginamos. Entretanto, mesmo diante das dificuldades, sempre haverá motivos para reconhecer as bênçãos que permanecem em nossas vidas.

Sob a perspectiva bíblica, a gratidão assume uma dimensão ainda mais profunda: representa uma expressão de fé, reconhecimento e amor a DEUS. A Palavra Sagrada nos ensina, em 1 Tessalonicenses 5:18: "Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de DEUS em CRISTO JESUS para convosco." Este ensinamento nos faz compreender que, mesmo nos momentos difíceis, podemos confiar na Presença, na Misericórdia e na Fidelidade do SENHOR.

O Salmo 100:4 também nos convida a entrar pelas portas de DEUS com ações de graças e em Seus átrios com louvor. Isso demonstra que a gratidão deve fazer parte não apenas das nossas palavras, mas também da nossa maneira de viver. Um coração verdadeiramente grato não se deixa dominar pela ingratidão, pela inveja ou pela insatisfação permanente.

A oração fundamentada na gratidão também é ensinada pelo Nosso SENHOR E SALVADOR JESUS CRISTO. Na ocasião em que Fez o milagre da multiplicação dos 5 pães e 2 peixes, ELE primeiro agradeceu AO PAI CELESTIAL por aquela quantidade que tinha 'em mãos' e então ocorreu o milagre que alimentou mais de 5 mil pessoas e ainda fez sobrar 12 cestos cheios de comida que puderam abençoar outros tantos. No momento antes de ressuscitar Lázaro, JESUS agradeceu a DEUS antes de dar a palavra de comando para o seu amigo voltar à vida. Portanto, a gratidão é um dos princípios mais importantes da existência, pois a gratidão fortalece os relacionamentos, aproxima as pessoas e nos torna mais sensíveis às necessidades do próximo. Um simples 'obrigado', um gesto de reconhecimento ou uma palavra de carinho podem transformar o dia de alguém.

Desta forma, é essencial que possamos cultivar diariamente a gratidão, reconhecendo as conquistas, aprendendo com as dificuldades e valorizando cada oportunidade de recomeçar. É fundamental que nunca nos falte a humildade para agradecer a DEUS, às pessoas que caminham conosco e à vida que nos foi concedida para estarmos prosseguindo.

Aqui no Brasil temos dias que fazem alusão a gratidão em vários meses do ano, inclusive em novembro, onde foi instituída em nosso País pela Lei nº. 781, de 17 de agosto de 1949, sugerida pelo embaixador Joaquim Nabuco durante o governo de Gaspar Dutra. Entretanto, apenas no ano de 1966, com a Lei nº. 5.110, foi instituído que a comemoração ocorreria no mesmo dia que é celebrada nos Estados Unidos da América, na quarta quinta-feira do mês 11 de cada ano.

Ou seja, ainda que não tenhamos uma data única nacional em que todos paremos ao mesmo tempo para celebrar a importância da gratidão, precisamos agradecer e ter os corações gratos todos os dias: a DEUS por Sua Presença e por tudo o que nos concede, e a tantas pessoas que são bençãos em nossas vidas também. Afinal, a verdadeira riqueza não está apenas naquilo que conquistamos, mas também na capacidade de reconhecer, com humildade e fé, as bênçãos que recebemos e a consciência de que tudo aquilo que alcançamos ou recebemos é por meio das dádivas, graça e misericórdia divina.

**é administrador formado pela Universidade Federal do Amazonas*